
Quais poetas falam? Corpos selecionados na discussão estética no contemporâneo¹

Amanda Iegli TECH²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS

Deivison Moacir Cezar de CAMPOS³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS

Universidade Luterana do Brasil, Ulbra

RESUMO

O presente artigo analisa, a partir das teorias raciais, como a norma epistêmica eurocentrada, a branquitude, afeta as referências estéticas e os processos de seleção e curadoria no campo artístico-cultural. Observa-se para isso o debate nas redes sociais e na mídia sobre a curadoria do evento Oficina Irritada (Poetas Falam), proposto pelo Instituto Moreira Salles em que todos os 18 convidados para discutir o papel e a estética da poesia contemporânea eram brancos. Os principais articuladores teórico metodológicos do texto são as noções de pacto narcísico (BENTO, 2002) e de síndrome do vampiro (SODRÉ, 1999). A partir de uma análise cultural e documental, conclui-se que as características do racismo estrutural [negação, recalcamento, estigmatização e indiferença profissional] estão presentes tanto no processo de curadoria, como na fala dos curadores, apontando para agência do pacto narcísico da branquitude desde o planejamento até o cancelamento sem um devido espaço para debate sobre quais poetas falam.

PALAVRAS-CHAVE: Instituto Moreira Salles; Oficina Irritada; racismo; branquitude; síndrome do vampiro.

“Eu quero pintar um soneto escuro”

Carlos Drummond de Andrade, Oficina irritada (1951)

Os debates sobre a persistência do racismo nas sociedades contemporâneas têm apontado para a normalização da branquitude nas relações sociais. O branco, desta forma, impõe-se como padrão, excluindo os considerados outro social dos lugares de

¹ Trabalho apresentado no GP Políticas e Estéticas do Corpo e Gêneros, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista. Mestranda em Sociologia, PPGS, UFRGS. Bolsista Capes. E-mail: aieglitech@gmail.com

³ Jornalista. Doutor em Ciências da Comunicação, Unisinos, e doutorando em História, UFRGS. E-mail: deivisondecampos@gmail.com

visibilidade e de representação. Uma oficina proposta pelo Instituto Moreira Salles no início deste ano, Oficina Irritada (Poetas Falam), provocou um debate sobre racismo ao convidar somente poetas brancos para um diálogo sobre poesia contemporânea brasileira, desconsiderando toda a produção de poetas não brancos. O questionamento foi levantado principalmente por poetas e militantes negros, através das redes sociais, levando ao cancelamento da atividade.

A Oficina Irritada (Poetas Falam), com curadoria do poeta e professor da UFRJ Eucanaã Ferraz, propunha reunir 18 escritores, definidos como “importantes nomes da poesia contemporânea brasileira” para seis encontros em três dias em que se buscava “responder às questões estéticas, históricas, éticas e afetivas do presente” (EVENTBRITE, 2019). Apesar de chamar para diversidade de geração, estilos e modos singulares de ver e escrever, a curadoria desconsiderou toda a tradição de poesia negra nas sociedades Ocidentais - o que foi prontamente questionado pelos movimentos negros.

As culturas negras em África e na Diáspora são marcadas pela oralidade como forma de Comunicação e memória. Os itás, mitos cosmogônicos e base das culturas dos Orixás, existem na forma de poesias⁴. Considerando a característica pragmática da religiosidade e das artes nestas culturas, o pensar e manifestar-se em verso são constitutivos do ser negro. No contemporâneo, a presentificação dessa tradição se deu principalmente na forma de grupos, como o Cadernos Negros⁵ (1978), e Saraus, como o Cooperifa⁶ (2001) em São Paulo e o Sopapo Poético⁷ (2012) em Porto Alegre e mais recentemente na forma de *slams*.

Essa relação com a poesia, num contexto de tensionamento por visibilidade dos movimentos sociais negros tem ganho reconhecimento e circulação através de nomes como Conceição Evaristo, Cidinha da Silva, Cristiane Sobral entre outros. Além disso, existem poetas históricos como Luiz Gama, Lima Barreto, Cruz e Souza, Oliveira Silveira, Cuti para citar alguns. Desconsiderando essa tradição de longa duração, o

⁴ “Xangô voltou para casa / Muitas pessoas de Oiô estavam reunidas lá / e clamavam que Xangô perdoasse Oiá”. Itá *Xangô incendeia sua cidade acidentalmente* (PRANDI, 2001, p.266).

⁵ ver em www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/

⁶ ver em www.cooperifa.com.br

⁷ ver em [facebook/negraldeia](https://www.facebook.com/negraldeia)

curador, em resposta aos questionamentos sobre a ausência de negros no evento, afirmou ser “absolutamente favorável às cotas para negros, índios, para dar voz àqueles que foram historicamente injustiçados. Só não acho que deva ser um critério de seleção para eventos como esse, que seria mínimo e aconteceria numa sala de aula, para um público de 20 pessoas.” (OGLOBO, 2019).

Considerando a discussão em torno da representatividade negra na proposta de oficina, o presente texto analisa, a partir das teorias raciais, como a norma epistêmica eurocentrada, a branquitude, afeta as referências estéticas e a negação da brancura nos processos de seleção, curadoria poética no caso específico.

Parte-se das proposições de “pacto narcísico da branquitude” (BENTO, 2002) e de “síndrome do vampiro” (SODRÉ, 1999) para investigar como opera a normalização da branquitude. A partir da operacionalização teórico-metodológica dessas proposições, realiza-se uma análise documental e cultural das postagens sobre a Oficina no twitter e a repercussão dessas nas redes sociais e no jornal O Globo. Como questão de fundo, observa-se o processo de midiaticização das ações de resistência em torno das relações étnico-raciais.

Oficina Irritante

O lançamento de uma oficina sobre poesia contemporânea, proposta pelo Instituto Moreira Salles, retomou o debate sobre a representatividade de negros nos eventos literários. A *Oficina Irritada (poetas falam)* propunha reunir 18 poetas para discutir em seis encontros, durante três dias, o gênero em sua relação e crítica ao presente. A ausência de representantes da poesia negra provocou diferentes protestos nas redes sociais, repercutindo na imprensa tradicional. O debate tem como fundo a permanência do pensamento racista que liga os africanos e seus descendentes aos talentos do corpo, enquanto os europeus possuem a virtude do espírito, a razão.

Também a opção pelo formato de encontros e não de um colóquio, conforme o post de lançamento da oficina no twitter, buscou ser um fator de distinção do evento a fim de aprofundar “à discussão e a abordagem crítica de um gênero” (@imoreirasalles,

2019, twitter). Com curadoria do poeta, ensaísta e professor Eucanaã Ferraz e do cantor e compositor Bruno Consentino, a apresentação da oficina apontava para uma diversidade entre os poetas convidados. Segundo o texto, “diferentes gerações, percursos diversos e seus modos singulares de ver e escrever” (@imoreirasalles, 2019, twitter).

A diversidade proposta referia-se aos critérios de estilo, idade e gênero, desconsiderando as particularidades estéticas e históricas da produção negra. Como todos os 18 poetas convidados eram brancos, a profícua produção poética negra, intrínseca às manifestações mais tradicionais, como a mediação com o sagrado, e contemporânea, como os *slams*, foi relegada ao esquecimento. Pietroforte (2019) entende que a questão levantada pelas redes vai além da questão identitária.

A questão, todavia, vai além dos critérios identitários e sociais: trata-se de indagar por quê, em um país com maioria negra, quase ninguém se lembra de convidar negros não apenas para falar de poesia, mas também para a curadoria de eventos assim, como a “Oficina Irritada”, em que nem todos os poetas falam.

O cânone, ou seja, a normatização da presença branca, fez com que os curadores não se atentassem a questão, produzindo um silenciamento da poesia e de poetas negros em relação aos desafios do contemporâneo, desconsiderando a contribuição e a produção desses.



Postagem de lançamento do evento na conta do twitter do Instituto Moreira Salles.

Fonte: <https://twitter.com/imoreirasalles/status/1118892059962769408>

No dia do lançamento da oficina, o poeta André Capilé⁸ observou a falta de atenção à diversidade dos convidados, referindo que tinha “amigos aí, nessa lista, mas não deixa de incomodar que esteja tão pouco [eufemismo para nada] pigmentado” (@oandrecapile, 18 abr.2019). Além disso, comentou no dia seguinte na postagem do Instituto no twitter, falando direto aos curadores “senhores responsáveis pela curadoria: não me parece q melhore tirar a foto de divulgação, agora, da página. se vão reconhecer o equívoco, não é favor fazer de modo mais ‘claro’” (@imoreirasalles, 2019, twitter). O comentário teve mais *likes*, 5, do que a postagem, 3. Mesmo com a crítica direta na postagem, não houve manifestação dos curadores, nem mesmo do instituto; que publicou novamente em sua conta do twitter, três dias depois do lançamento, o post com informações para inscrição do evento.

A baixa interação direta com os três posts, publicados entre os dias 18 e 21 de abril, no entanto, foi diretamente oposta à repercussão da oficina nas redes. Poetas e militantes negro protestaram a ausência da perspectiva negra no debate pelo fato da curadoria não ter considerado a trajetória e relevância da produção poética negra. Essa, entretanto, não foi a primeira mobilização em torno da ausência de autores negros em eventos literários. Na edição de 2016 da Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP), o debate ganhou bastante visibilidade, sendo definido como *Arraiá da Branquitude* (MURARO, 2016)⁹. A branquitude, segundo Sovik (2009, p.50)

é atributo de quem ocupa um lugar social no alto da pirâmide, é uma prática social e o exercício de uma função que reforça e reproduz instituições, é um lugar de fala para o qual uma certa aparência é condição suficiente. A branquitude mantém uma relação complexa com a cor da pele, formato de nariz e tipo de cabelo. Complexa porque ser mais ou menos branco não depende simplesmente da genética, mas do estatuto social.

Maria Aparecida Bento (2002) já propunha que essa condição de superioridade é garantida e mantida pelo que denomina “pacto narcísico da branquitude”, uma espécie de acordo entre os brancos de não se reconhecerem enquanto racializados, ou detentores e de privilégios. Essa omissão tem um fundo de “autopreservação, porque vem

⁸ <https://www.textoterritorio.com.br/cat%C3%A1logo/autores/andr%C3%A9-capil%C3%A9>

⁹ As manifestações levaram o Festival a, no ano seguinte, escolher como autor homenageado Lima Barreto, com a presença de um número representativo de escritores negros convidados.

acompanhada de um pesado investimento na colocação desse grupo como grupo de referência da condição humana” (p.30). Operando a partir do pacto, o homem branco impõe-se como homem normal, provocando a invisibilidade e igualmente o distanciamento sobre a existência do *outro* (BENTO, 2002).

Esse *outro*, no debate dos eventos literários, de forma geral, e na Oficina Irritada, especificamente, é principalmente o negro. Entretanto, até que houvesse uma mobilização sobre a falta de negros no evento, tanto a instituição como a curadoria não atentaram para a ausência de não-brancos. O “daltonismo” ou “cegueira” (BENTO, 2002), que impede que os brancos vejam os outros racializados, faz com que a discriminação do ato passe despercebida.

A fala do curador, Eucanaã Ferraz, demonstra isso: por se tratar de uma oficina menor e para menos pessoas, não há preocupação em trazer não-brancos porque não haveria espaço para cotas. Isso demonstra que para a instituição, como seria um evento de porte menor, as chances de cobrança por representatividade seriam pequenas. Portanto, não havia motivos para buscar uma grade de poetas mais representativa. Porém, a própria instituição desconsidera o trabalho longo e de excelência de diversos poetas negros e aborda a questão do espaço para estes poetas como uma questão de cotas.

Essa perspectiva relaciona-se com o imaginário racista das elites tradicionais que se alojou em novas modalidades institucionais, segundo Sodré (1999, p.245), “no sentido dado por Mauss à palavra instituição, ou seja, modo de fazer ou de pensar independente do indivíduo”, operando na cultura contemporânea. Pensando a partir do sistema de mídia, mas estendendo à cultura contemporânea, atravessada pelo capitalismo, Sodré (1999) afirma que o racismo se manifesta nas instituições de cultura através de sua negação, do recalçamento dos aspectos identitários positivos das manifestações simbólicas de origem negra, da estigmatização da pele escura frente a dominação branca e, por fim, da indiferença dos profissionais para a questão.

A reação da curadoria e, conseqüentemente, da instituição no primeiro momento atende a todos estes aspectos. Se por um lado o “pacto narcísico” (BENTO, 2002) garantiu a presença branca como norma, para os negros produziu aquilo que Muniz

Sodré (1999) denomina de “síndrome do vampiro”, segundo a qual o negro olha para as instituições e não se enxerga. O silenciamento na oficina, no entanto, produziu um movimento nas redes sociais que, mesmo não tendo sensibilizado diretamente o Instituto, repercutiu na imprensa tradicional. Será a partir desse lugar que o Instituto se tornará sensível ao protesto negro.

Branquitude e as redes irritadas

A *Oficina Irritada (Poetas Falam)*, promovida pelo Instituto Moreira Salles tinha o intuito de reunir 18 “importantes nomes da poesia brasileira contemporânea” (@imoreirasalles, 2019, twitter). Nos 240 caracteres disponíveis para o tweet, o foco do instituto foi salientar a diversidade do evento, nesse caso, diversidade de gerações, percursos e modos de escrever e ver o mundo numa perspectiva crítica. a partir de um gênero “que nunca deixou de criar momentos altos de nossa literatura” (EVENTBRITE, 2019). No site de divulgação e venda de ingressos do evento, uma mini-bio de cada poeta informava os prêmios e títulos publicados.

A diversidade e a crítica possível, na perspectiva dos curadores e promotores do evento, no entanto, é branca, com pós-graduação, do sul, sudeste e, pouco do centro-oeste, sendo majoritariamente homens. Atende com isso o tipo normativo: homem, branco, escolarizado e do sul - lugar da colonização europeia e que colonizou o centro-oeste. Esse tipo atende a um

sistema de pensamento ou, principalmente, a tendência instintiva de uma civilização eminente e prestigiosa de abusar de seu próprio prestígio, para instalar o vazio em torno dela ao reduzir abusivamente a noção de universal às suas próprias dimensões, isto é, em pensar o universal a partir de seus postulados e por meio de suas próprias categorias (CÉSAIRE, 2005, p. 106).

Neste sentido, o *outro* é mantido na condição de exterior à cultura e, por isso, tem sua produção negada e silenciada. Glissant (1981) acredita que as literaturas Ocidentais não necessitam mais solenizar sua presença no mundo. No entanto, a produção cultural e sua presença segue vista como a “invasão dos bárbaros no sonho intelectual dos letrados, que se sentirão sempre incomodados e até hostilizados diante destes extremos, paralelos de sua teoria” (GLISSANT, 1981, p.201). A curadoria, desta

forma, buscou a crítica e a diversidade no cânone, organizando-se a partir do diverso consentido pelo *pacto narcísico* (BENTO, 2002).

O escritor Jeferson Tenório (2019) comentou em sua conta no facebook no dia seguinte ao lançamento da oficina, com o título “Poesia irritada, sisuda, hermética e...branca” (19 jun.). No texto, ironiza a peça de divulgação, dizendo ser “a cara da poesia contemporânea brasileira”, questiona a ausência de importantes poetas negros, como “Ricardo Aleixo, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Jarid Arraes, Eliane Marques, Ronald Augusto” e finaliza argumentando “porque o Brasil é grande e talvez o IMS ainda não saiba disso”.

A publicação teve 155 curtidas, 42 comentários e 12 compartilhamentos, muito dos quais ligados ao meio literário, incluindo um dos compartilhadores (f:/marcio.junqueira) que marcou um dos convidados para o oficina. Este comentou que “achei lamentável desde que vi a foto das pessoas. Tô escrevendo pras pessoas envolvidas e vendo o que consigo, na minha posição de meio que patinho feio do evento (o elo mais frágil ali, eu acho), fazer. Qualquer coisa me manda inbox que eu te detalho” (f:/rafael.zacca).

Outra manifestação de participante sobre o evento foi feita no facebook por uma das convidadas. No seu perfil, a poeta publicou uma nota de esclarecimento, destacando que não sabia que a oficina não teria negros e que aceitou o convite para participar diretamente de um amigo. Apesar de reconhecer problema de uma oficina somente com brancos, durante a maior parte do texto refere a opressão que sofre por ser uma mulher lésbica. Somente na parte final se identifica como branca, apesar de não reconhecer seus privilégios. No final do texto, cita Audre Lorde, mas não se opõe ao Instituto e nem recua de sua participação.

curadores e curadoras precisam pensar nisso ao fazer suas escolhas.
artistas precisam começar a questionar as curadorias e sua representatividade.
eu vou fazer isso a partir de agora.
se você não usa o poder que tem - mesmo que seja pouco - esse poder vai ser usado contra você, invariavelmente, e isso eu aprendi com audre lorde
(f:/freitasangelica).

Apesar da repercussão contrárias dos movimentos negros nas redes e mesmo da manifestação dos convidados a participar dos encontros, o Instituto manteve a Oficina

com inscrições abertas, fazendo uma nova chamada no twitter (21 jun.). A polêmica no entanto pautou o jornal O Globo que publicou uma matéria sem assinatura de repórter com o título “Evento só com poetas brancos causa revolta nas redes sociais” no dia seguinte. Nela, o curador Eucanaã Ferraz se declarou surpreso com a discussão e justificou o ocorrido como se o problema fosse resultado da “pressa” de quem viu o anúncio do evento e não compreendeu de que se tratava de algo pequeno. “Disse ainda que, devido às suas ‘dimensões’ e ‘características’, o evento não poderia responder a ‘demandas sociais’ (...) num reduzido encontro de poetas, a questão do *direito* não se coloca.” (O GLOBO, 2019a). Minimizou a discussão sobre ausência de negros como uma exigência de direitos:

Sou absolutamente favorável às cotas para negros, índios, para dar voz àqueles que foram historicamente injustiçados. Só não acho que deva ser um critério de seleção para eventos como esse, que seria mínimo e aconteceria numa sala de aula, para um público de 20 pessoas.

A entrevista aprofundou o entendimento de que a qualidade e a especificidade da poesia negra em nenhum momento foi considerada.

O Coletivo feminista *RESPEITA*, que defende a causa das mulheres poetas, foi um dos grupos que reagiu nas redes sociais, denunciando a branquitude constitutiva do evento e a entrevista do curador. Publicou, em 23 de abril, uma nota de repúdio à Oficina em sua página oficial (RESPEITA, 2019), apontando a falta de representatividade e a discriminação com outros poetas negros que foram desconsiderados para compor o conjunto de convidados para a oficina.

Na nota, o coletivo se utiliza do texto institucional do Instituto Moreira Salles para construir um dos argumentos de crítica. “De um passado que não fique estagnado, mas que seja também fundamental para entender o presente e enfrentar o futuro. Na melhor inspiração de sua história, o IMS quer construir legados culturais. É a isso que vem se devotando” (IMS, 2019). A partir da reprodução deste trecho, o coletivo questiona a qual passado o texto se refere e qual legado a instituição está preocupada em construir:

Somos pessoas negras, indígenas, LBGTs, entre outras ‘minorias’ - com a irônica maioria numérica - escrevendo nossas vivências e subjetividades todos os dias. E é justamente para mudar esse panorama violento e excludente,

deixando-o mais coerente com a realidade, que os agentes da cultura literária devem apresentar novos critérios para suas curadorias.

A circulação da nota de repúdio e a repercussão da reportagem nas redes, além da manifestação dos militantes negros e pela diversidade étnico-racial, levou o Instituto Moreira Salles a decidir pelo cancelamento da atividade, publicando um esclarecimento de dois parágrafos em suas redes sociais. O Instituto referiu o movimento das redes, apontou a importância do tema, mas não reconheceu a agência da branquitude no processo de curadoria, silenciando mais uma vez aqueles que disputavam o direito a fala na oficina. Além disso, institucionalmente a discussão acabou neste post. Todas as referências ao evento foram retiradas do site institucional, bem como a página do evento foi excluída, restando rastros no twitter e no site de inscrição.

Quais poetas falam?

A discussão proposta a partir das redes sociais reivindicou a desnormalização da presença exclusiva de poetas brancos no processo de curadoria. Em nenhum momento, foi questionado a qualidade dos escolhidos a participar do evento, mas a ausência de poetas negros que reconhecidamente tem presença e produção no gênero. Mais do que isso, existe um debate vivo sobre racismo na área literária iniciada na FLIP de 2016, com repercussão em feiras do livro por todo o país, como a de Porto Alegre em 2017, e em outros eventos literários. Neste contexto, Conceição Evaristo utilizou sua visibilidade para reivindicar que “é preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos de idade” (CARNEIRO, 2018).

A peça de divulgação do evento esteve no centro do debate. A imagem retangular reúne o retrato dos 18 convidados e dos dois curadores, organizadas em torno do subtítulo da oficina (poetas falam). Todos os rostos são brancos. A críticas nas redes sociais, sintetizadas nas já referidas do poeta André Capilé, “tão pouco [eufemismo para nada] pigmentado”, e do escritor Jeferson Tenório, “a cara da poesia contemporânea brasileira”.



Peça de divulgação do evento publicada também nas redes sociais do IMS.

Fonte: <https://www.eventbrite.com.br/e/oficina-irritada-poetas-falam-tickets-60433819180>

A peça, assim como o processo de curadoria, apresenta elementos de *recalcamento* e de *indiferença profissional*, característicos do racismo do mercado cultural (SODRÉ, 1999). O recalcamento refere-se a recusar aspectos as contribuições positivas, ou mesmo a vitalidade e a contribuição, das manifestações simbólicas de origem negra. Desta forma, a curadoria, feita por indivíduos brancos reconhecidos no mercado literário, produziu o evento condicionada pela branquitude (BENTO, 2002) e, conseqüentemente, reproduziu o *recalcamento* (SODRÉ, 1999) da poesia negra, vigente no mercado cultural. Isso se deu pela *indiferença profissional* (SODRÉ, 1999), que se manifesta pela falta de sensibilidade com o outro e sua produção simbólica - igualmente produzida pela vigência da branquitude, e também pela falta de profissionais negros envolvidos no processo.

A falas do curador antes e depois do cancelamento do evento são reveladoras da presença dessas características do racismo, bem como da *negação* pela qual recusa-se o racismo e a pecha de sujeitos da discriminação (SODRÉ, 1999). Depois de desconsiderar o debate proposto pelas redes sociais, o curador do evento Eucanaã Ferraz emitiu uma nota através da assessoria do Instituto quando acionados pela reportagem do jornal O Globo. A reclamação se deu, segundo a nota, pela “pressa de quem viu o anúncio da programação” (O GLOBO, 2019) não referindo a ausência de negros.

Segue-se a isso a ideia de que “Não seria possível agregarmos, em três dias, mais do que os dezoito poetas convidados”, o que não estava em discussão.

A agência da *branquitude* e da *negação* torna-se mais visível quando a nota relaciona a presença de negros a um direito, desconsiderando a relevância da produção poética, e considera “justa e imprescindível exigência de efetiva cidadania em instâncias públicas ou de grande alcance público. Entretanto, num reduzido encontro de poetas, a questão do *direito* não se coloca.” A nota ainda informa que o poeta mineiro Ricardo Aleixo foi convidado, mas declinou de participar por questão de agenda. A reportagem refere que Aleixo confirmou o convite pela conta do facebook, mas não refere todo conteúdo da postagem (21 abril.) que diz

Sobre o evento "Oficina irritada", promovido pelo Instituto Moreira Salles, "deescuro" (contrário de <declaro>) que declinei do convite para participar por já ter compromisso para a data. Deixei, no entanto, de informar ao curador do evento, o poeta Eucanaã Ferraz, que mesmo que a minha agenda estivesse disponível eu diria NÃO ao convite, pelo seguinte motivo: recuso-me a participar de evento no qual tem direito à palavra uma notória re/linchadora virtual, integrante da KKK Brasil. & mais não digo (f./jaguadarte.ricardoaleixo, 2019).

A entrevista, que escancarou a *branquitude* do processo de curadoria e da instituição, que assumiu a nota e manteve a oferta do evento, provocou mais indignação nas redes sociais. O texto com maior circulação foi a nota de repúdio publicada pelo coletivo *Respeita - coalizão de poetas* (RESPEITA, 2019). O texto inicia referindo as características do cânone literário brasileiro e segue “A estrutura racista do mercado literário brasileiro é evidente e se expressa em todas as instâncias da produção no país, alijando pessoas negras, indígenas e não-brancas de seus círculos dominantes.”

O poeta Ricardo Aleixo, referido pelo curador, fez uma série de postagens no dia seguinte (23 jun.) à publicação da matéria em O Globo. Iniciou as postagens por uma crítica ao próprio jornal, afirmando que “Agora é oficial (deu n'O Globo): existe a categoria <poetas brancos/as>. Parabéns aos/às envolvidos/as”. Também referiu a nota de repúdio do coletivo Respeita, perguntando de forma irônica “E as poetas/escritoras pretas, que mais uma vez deram um show de insubmissão e autonomia crítica e política, contra as expectativas das sinhazinhas de que se comportassem de modo subalterno, como meras linhas auxiliares do branquismo bronco?”

A mobilização de poetas e a repercussão junto aos movimento sociais negros levou o Instituto Moreira Salles a cancelar o evento e a publicar em suas redes e na página da empresa que divulgada e inscrevia para a Oficina uma nota com dois parágrafos. No primeiro para destacar todas as exposições e iniciativas culturais em promoção da temática étnico-racial que já haviam realizado - seguindo o tradicional argumento da branquitude de que “não sou racista, pois até tenho amigos negros”. Neste sentido, a primeira preocupação do Instituto foi a de se defender e não de reconhecer a discriminação. Observa-se portanto o princípio de *negação* (SODRÉ, 1999) também na nota oficial do instituto.

No parágrafo seguinte, o Instituto escreve que “ainda que a veemência das redes nem sempre favoreça conversas produtivas, reconhecemos a importância dessa discussão, razão pela qual decidimos cancelar a realização do evento” (IMS, 2019). Novamente, a temática genérica, o racismo, é colocado como um tema importante a ser discutido, mas em nenhum momento o Instituto assume que a Oficina reproduziu o processo de exclusão da produção e dos poetas negros.

Além disso, mesmo considerando a importância da discussão, o instituto não se dispôs a abrir um espaço para discutir a agência da branquitude e o racismo estrutural na curadoria da Oficina Irritada especificamente. A única medida adotada, além do cancelamento do evento e da publicação da nota, foi excluir todo o registro do evento do site institucional, ou seja, novamente o silêncio.

Ao mesmo tempo em que há a presença do pacto narcísico (BENTO, 2002) nos discursos da instituição e da curadoria, a partir dos comentários na postagem do IMS é possível identificar o uso da mestiçagem, por parte de comentaristas brancos, para justificar que nem todos os poetas são brancos. Conforme concluiu Sovik (2009) em seu estudo sobre branquitude na cultura brasileira, “aqui ninguém é branco”. Portanto, não haveria motivo cancelar o evento.

A maioria das pessoas que comentaram favoravelmente ao IMS no twitter tratou a repercussão como um tipo de censura. Pode-se ler dos comentadores que “ceder à censura e ao autoritarismo é triste. nesse caso covarde também.”; “Lamento ainda mais que o IMS tenha cancelado o evento por conta de patrulha. Já não basta a

extrema-direita fazendo isso...”; “NÃO DEEM PALCO PROS MALUCOS. nem tudo pode ou precisa ser englobado na questão identitária!!!” - todos esses comentários que carregam consigo a característica racista de *negação*; e “Eventos ‘negros’ ocorrem todos os dias, de rap, hip hop, funk etc... mas evento só de “brancos”, ou quase brancos, quase pretos, não pode”, argumento racista.

A argumentação do curador sobre o cancelamento (O GLOBO, 2019b) igualmente recusa a agência do pacto narcísico (BENTO, 2002) no processo. Mesmo concordando que seria o momento de “ouvir e pensar nisso tudo”, lamentou o tom do debate. “Fizeram acusações injustas contra a instituição, os curadores e os poetas convidados. Eles não merecem os ataques que sofreram” (O GLOBO, 2019b).

Observa-se dessa maneira - tanto de parte do Instituto, como do curador, a presença do racismo pela negação, recalçamento e indiferença profissional (SODRÉ, 1999) perante o ocorrido. Ao mesmo tempo que o protesto negro foi apontado inicialmente como “veemência das redes”, o cancelamento da oficina ocorreu somente depois da chegada do debate a um veículo de imprensa. Isso remete ao fator de *estigmatização* (SODRÉ, 1999), segundo qual os argumentos passam a ser considerados somente depois de serem validados por uma instituição tradicionalmente ligada à elite. A reivindicação direta e a circulação desta entre o meio artístico e a os militantes negros não foi suficiente para o cancelamento da Oficina.

O debate no entanto seguiu nas redes principalmente entre os poetas e militantes negros. O poeta Ricardo Aleixo, citado como negação do racismo pela curadoria, escreveu uma crítica ao jornal O globo: “Prestenção no título da matéria. E no entre-vírgulas. O sistema é bruto, bebê.” [Encontro de poetas, sem negros convidados, é cancelado após revolta nas redes sociais]; o que demonstra que o pacto narcísico (BENTO, 2002) é estrutural das relações sociais e permeia as instituições. Também publicou um texto mais extenso sobre o ocorrido, pedindo no título “algum debate, por favor”.

É constrangedora a situação: qualquer sinhazinha ou sinhozinho, desde que seja branca/o e "bem relacionada/o", é, por definição, poeta, ao passo que a um gigante como Edimilson - para me restringir a esse poeta e pensador da poesia que eu acompanho já há três décadas - só restam o rótulo de "poeta negro" e a vaga hipótese de vir a ser chamado à cena tão-só para atender à crescente demanda por representatividade.

Qualquer debate sério sobre o que restou do Brasil e sobre a prospecção de um possível futuro para o país tem que se confrontar com o espinhoso tema que é a dimensão estrutural e estruturante do racismo.

Um dos mais citados nos posts sobre possíveis convidados, o poeta Ronald Augusto, também no texto de Aleixo, também comentou em seu perfil no facebook (f:/ronaldo.augustoc):

acho curioso essa coisa de dizer que no caso do evento cancelado do ims as "redes sociais" (negrxs e alguns simpatizantes, chega de eufemismo, né?) não obstante terem feito a coisa certa, foram "meio apressadas" na crítica ou mesmo "impiedosas" etc etc. de minha parte acredito que a reação foi de uma presteza e de uma atenção exemplares. aceita, pae.

O poeta também aparece numa provocação feita no blog Impressões de Maria, que trata principalmente de literatura afrobrasileira. O blog postou um texto com o título “18 poetas brasileiros que a curadoria de literatura do Instituto Moreira Salles deveria conhecer” (ARMAN, 2019). Utilizando-se da arte da peça de divulgação da Oficina Irritada, substitui os retratos dos convidados por escritores negros.



Post do blog Impressões de Maria sobre os poetas que a curadoria do IMS deveria conhecer.
<https://www.impressoesdemaria.com.br/2019/04/18-poetas-brasileiros-que-curadoria-de.html>

Diferentes postagens listaram poetas que poderiam ter sido convidados a integrar o debate sobre a estética do gênero no contemporâneo. A ausência na lista original da *Oficina Irritada* aponta para a ação da branquitude e do racismo estrutural que estrutura

as relações sociais e institucionais. A *negação* desta pelos que podem falar no campo cultural é uma das características a partir da qual tem sido justificada a ausência dos produtores negros, mesmo quando se discute a produção simbólica negra. Por outro lado, há um *recalcamento* dessa produção invisibilizando não só esses produtores, como muitas vezes as matrizes dessa produção. Com isso, essa produção é muitas vezes *estigmatizada* como folclore e *recalcada*. No entanto, quando esses processos ganham visibilidade pública, através da denúncia dos movimentos negros, são geralmente negados a partir de argumentos racistas, mas socialmente aceitos.

Outra questão que surge deste debate é a insuficiência, na perspectiva do Instituto Moreira Salles, do protesto nas redes sociais para que a Oficina fosse suspensa. Foi necessário a repercussão num veículo de imprensa tradicional para que o tema em debate fosse considerado relevante. Por um lado, mesmo sobre crítica pela perda de centralidade e dúvidas de sua função social contemporânea, a mídia tradicional ainda ocupa um papel importante como locus de tensionamento. Demanda com isso, atenção dos movimentos críticos.

Por outro lado, o uso das redes sociais pelos movimentos negros mostrou-se potente. Além de pautar socialmente e jornalisticamente o fato, tornou-se fonte das reportagens, possibilitando que os poetas e escritores negros pudessem falar neste lugar; ou seja, puderam falar sobre a oficina em que não poderiam falar, apesar de ser uma Oficina Irritada, para que os poetas falassem. Os escritores negros igualmente estão em rede e isso fez com que a repercussão da Oficina ganhasse dimensão já no dia de seu lançamento - o que foi ignorado pelo Instituto e surpresa para os curadores.

A configuração da Oficina em nenhum momento foi considerado um impeditivo para sua realização mesmo depois do alerta das redes. A repercussão negativa junto a um público ampliado e que frequenta potencialmente o Instituto - a mesma classe média e alta referente dos veículos jornalísticos, desencadeou o cancelamento. Desta maneira, a agência da branquitude normalizou a presença exclusiva de brancos e o pacto narcísico (BENTO, 2002) garantiu o direito aos poetas que poderiam/deveriam falar, ficando incomodados com a denúncia desse privilégio. No entanto, a perspectiva defensiva adotada contra a crítica levou os curadores e o instituto à *negação* da ação do

racismo estrutural no processo de planejamento e curadoria do evento, preferindo argumentos exteriores ao campo literário.

REFERÊNCIAS

ARMAN, Neto. [2019]. 18 poetas brasileiros que a curadoria de literatura do Instituto Moreira Salles deveria conhecer. **Impressões de Maria**. 28 abr. 2019. Disponível em <https://www.impressoesdemaria.com.br/2019/04/18-poetas-brasileiros-que-curadoria-de.html> Acesso em jun. 2019.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CARNEIRO, Julia Dias. [2018] É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos, diz escritora. **BBC Brasil**. 9 mar. 2018. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948> Acesso em jun, 2019.

EVENTBRITE. [2019]. Site do evento Oficina Irritada. **Eventbrite**. Disponível em <https://www.eventbrite.com.br/e/oficina-irritada-poetas-falam-tickets-60433819180>). Acesso em jun. 2019.

GLISSANT, Edouard. **O mesmo e o diverso**. In: Le discours antillais. trad. Normélia Parise. Paris: Ed. Seuil, 1981.

IMS. [2019]. Oficina Irritada. **Twitter IMS**. 18 abr. 2019. Disponível em <https://twitter.com/imoreirasalles/status/1118892059962769408> Acesso em jun.2019

MURARO, Cauê. [2016]. Flip admite falta de participantes negros e cita recusa de Mano Brown. **G1**. jun, 2016. Disponível em <http://g1.globo.com/pop-arte/flip/2016/noticia/2016/06/flip-admite-falta-de-participante-s-negros-e-cita-recusa-de-mano-brown.html> Acesso em jun. 2019.

O GLOBO. [2019] Evento só com poetas brancos causa revolta nas redes sociais. **O Globo**. 22. abr. 2019. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/evento-so-com-poetas-brancos-causa-revolta-na-s-redes-sociais-23615474> Acesso em jun. 2019.

O GLOBO. [2019a] Encontro de poetas, sem negros convidados, é cancelado após revolta nas redes sociais. **O Globo**. 23. abr. 2019. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/encontro-de-poetas-sem-negros-convidados-cancelado-apos-revolta-nas-redes-sociais-23616913> Acesso em jun. 2019.

PIETROFORTE, [2019]. Antonio Vicente Seraphim. Leituras de um brasileiro: "O que foi irritante na Oficina Irritada". **Cartamaior**. 25 mai. 2019 Disponível em

<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Leituras/Leituras-de-um-brasileiro-O-que-foi-irritante-na-Oficina-Irritada-/58/44172> Acesso em jun. 2019.

RESPEITA. [2019]. **Nota de repúdio** - poesia irritada. **Blog Respeita e Pronto**. 23 abr. 2019. Disponível em <https://respeitaeponto.wordpress.com/2019/04/23/nota-de-repudio-poesia-irritada/> Acesso em jun. 2019.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

TENÓRIO, Jeferson. [2019]. Poesia irritada, sisuda, hermética e...branca. **f:/jeferson.tenorio.9**. 18 abr. 2019. Disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10156684920452851&set=a.10152810456257851&type=3&theater> Acesso em jun. 2019